

## Perfil dos raizeiros que comercializam plantas medicinais no município de Campina Grande, PB

Ivan Coelho Dantas<sup>1</sup>, Flávio Romero Guimarães<sup>2</sup>

### RESUMO

O uso popular das plantas medicinais é uma prática muito conhecida e amplamente difundida em todo o país. O tratamento com plantas medicinais repousa sobre uma tradição secular, associada a relatos históricos e mantida entre a população através de raizeiros, curandeiros, benzedeiros e familiares. Até os dias atuais, não foram realizados estudos mais aprofundados, do ponto de vista etnobotânico, neste município. Nesta pesquisa, foram adotados os métodos de procedimento analítico-descritivo, o correlacional e o experimental. A pesquisa foi realizada no período de janeiro de 2000 a dezembro de 2001, no município de Campina Grande - PB, com os 43 raizeiros existentes na cidade.

**Palavras-chave:** Etnobotânica, Campina Grande, raizeiros.

### ABSTRACT

The popular use of the medicinal plants is one practical one very known and widely spread out in all the country. The treatment with medicinal plants rests on a secular tradition, associated to the historical stories and kept it enters the population through raizeiros, healers, familiar quacks and. Until the current days, they had not been carried through deepened studies more, of the etnobotânico point of view, in this city. The objective of this work is to study profile economic partner of the raizeiros of the city of Campina Grande-PB. In this research, had been adopted the methods of procedure analytical-description, the correlational and the experimental one. The research was carried through in the period of January of 2000 the December of 2001, in city of Campina Grande - PB, with the 43 existing raizeiros in city. for 43 in 2001.

**Keywords:** Etnobotânica, Campina Grande, "Raizeiro".

### 1- INTRODUÇÃO

A fitoterapia é a área do conhecimento que busca a cura das doenças através das plantas medicinais. Repousa sobre uma tradição secular, sendo amplamente difundida através dos raizeiros, curandeiros e benzedeiros. As plantas também são amplamente utilizadas pelas famílias, principalmente em forma de chás, infusões e lambedores. Na verdade, o uso de espécies vegetais com fins terapêuticos remonta ao início da civilização humana, confundindo-se com a própria origem do homem.

Neste estudo foram utilizados os métodos de procedimento descritivo-analítico, o

correlacional e o experimental. A coleta de dados foi realizada junto aos 43 raizeiros existentes na cidade de Campina Grande – PB.

#### 2.1. OBJETIVO

- Descrever o perfil sócio econômico dos ervateiros que trabalham nas feiras livres e mercados da cidade de Campina Grande - PB.

### 3 - MATERIAIS E MÉTODOS

#### 3.1-Delimitação geográfica e temporal, sujeitos e objetos da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada no período de janeiro de 2000 a dezembro de 2001 na cidade de Campina Grande - PB, nas feiras Central, da Liberdade, da Prata e no centro comercial do município, entre os raizeiros existentes a partir das espécies de plantas medicinais comercializadas por eles.

#### 3.2-Métodos de procedimento

No presente trabalho foi adotados como métodos de procedimentos o descritivo-

analítico, o correlacional e o experimental. O método descritivo foi utilizado no estudo do perfil sócio-econômico dos ervateiros, através da aplicação de questionário e do levantamento e classificação das plantas medicinais.

#### 3.3- Perfil do raizeiro

Os dados obtidos a partir da localização (Tabela 1), revelam que a distribuição dos raizeiros ocorre em áreas comerciais bem movimentadas. No entanto, quase metade dos ervanários atuam na Feira Central (46,5%). Este dado pode se justificar pelo fato de que a Feira Central de Campina Grande funciona durante quase toda a semana, com grande fluxo de pessoas nos dias de feira.

**Tabela 1** – Distribuição percentual dos ervanários de Campina Grande de acordo com o local de trabalho.

	Frequência	Percentual
Feira Central	22	51,2
Avenida Floriano Peixoto	5	11,6
Rua: Marquês do Herval	4	9,3
Feira da Liberdade	3	7,0
Feira da Prata	3	7,0
Praça da Bandeira	2	4,7
Rua Cardoso Vieira	1	2,3
Rua João Pessoa	1	2,3
Rua Venâncio Neiva	1	2,3
Ambulante	1	2,3
<b>Total</b>	<b>43</b>	<b>100,0</b>

Quanto à idade dos raizeiros, conforme se observa na Tabela 2, os dados indicam que a média de idade é de 49 anos. Verifica-se, ainda,

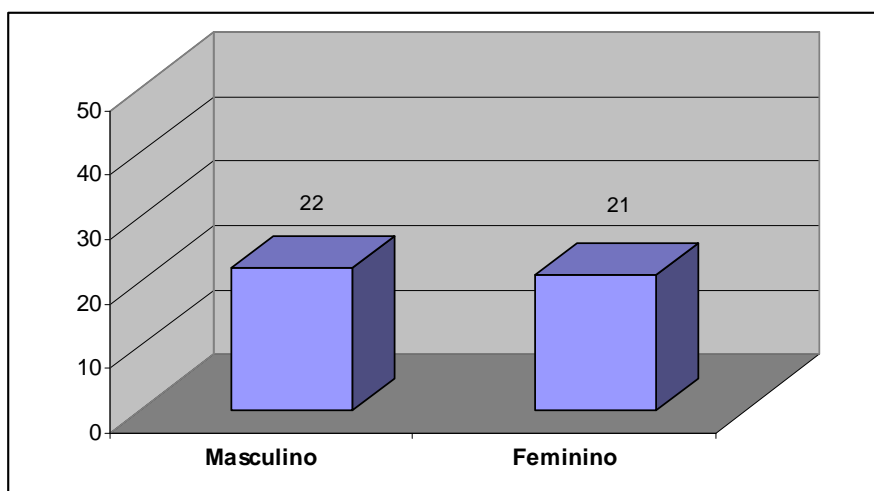
que o ervateiro mais jovem tem 20 anos e o mais velho tem 77 anos.

**Tabela 2** – Distribuição percentual dos raizeiros por faixa etária.

Idade	Frequência	Percentual
20 - 29	4	9,2
30 - 39	7	16,2
40 - 49	9	21
50 - 59	9	21
60 - 69	10	23,4
70 - 77	4	9,2
<b>Total</b>	<b>43</b>	<b>100,0</b>

Os dados do questionário, referentes ao gênero dos ervanários, indicam que 51,2% são do gênero masculino e 48,8% do gênero feminino. Portanto, observa-se que quanto ao

gênero não há diferença percentual significativa, ou seja, há uma distribuição equitativa, como está demonstrado na figura 1.



**Figura 1** – Distribuição percentual dos raizeiros por gênero.

Quanto aos dados referentes à naturalidade dos raizeiros, a Tabela 3 revela que 90,8% são paraibanos, dos quais 65,1% naturais de Campina Grande e que apenas 9,2% dos raizeiros procedem de outros estados brasileiros.

**Tabela 3** – Distribuição percentual dos raizeiros de acordo com a naturalidade.

	Freqüência	Percentual
Campina Grande – PB	28	65,1
Lagoa Seca – PB	3	7,0
Maçaranduba – PB	2	4,7
Catolé do Rocha – PB	1	2,3
Esperança – PB	1	2,3
Feira de Santana – BA	1	2,3
Itaporanga – PB	1	2,3
Machado – PE	1	2,3
Areia – PB	1	2,3
Recife – PE	1	2,3
Salgadinho – PB	1	2,3
Santa Cruz – RN	1	2,3
São José – PB	1	2,3
<b>Total</b>	<b>43</b>	<b>100,0</b>

A pesquisa mostra, ainda, que 65% dos ervanários nasceram na zona rural, justamente onde se concentram as pessoas que detêm um maior conhecimento sobre plantas medicinais e onde não há disponibilidade de serviços médicos e de acesso aos medicamentos alopáticos.

O estudo revela que 74,4% dos raizeiros residem na zona urbana e 25,6% residem na zona rural.

Quanto à raça a que pertencem os raizeiros, verificou-se que 55,8% são caboclos, 30,2% pertencem à raça branca, 7% à negra e 7% descendem de índios.

Mesmo com os dados demonstrando que a religião predominante é a católica, percentual de 86%, observa-se que a utilização de plantas

medicinais tem raízes muito fortes associadas aos cultos afro-brasileiros, especialmente a umbanda, uma vez que, nos terreiros há recomendações dos espíritos para o uso das ervas. O dado da maioria católica mascara uma realidade subjacente, ou seja, muitos dos que se identificam como católicos também praticam os rituais da umbanda ou do candomblé.

Os dados referentes à escolaridade dos ervateiros demonstram que eles pouco aprenderam em livros ou com professores, sugerindo que o conhecimento adquirido por eles é realmente obtido através do senso comum, fato que se confirma pelo maior percentual de analfabetos (55,8%), como demonstra a tabela 04.

**Tabela 04** – Distribuição percentual dos raizeiros de acordo com o grau de instrução.

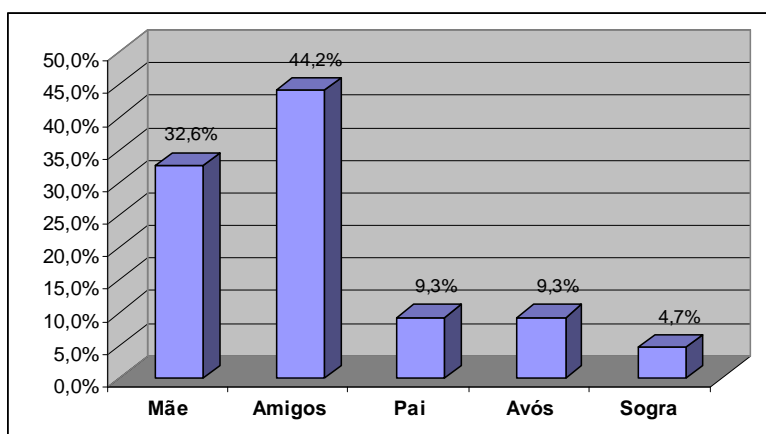
Grau de instrução	Frequência	Percentual
Analfabetos	24	55,8 %
1ª Grau incompleto	6	14,0 %
1º Grau completo	13	30,2 %
<b>Total</b>	<b>43</b>	<b>100,0</b>

Em relação à renda mensal, conclui-se que 20,9% dos raizeiros dizem ganhar mais de um salário mínimo e 79,1% percebem até um salário mínimo por mês. Neste sentido, Silveira e Jordão (1992) afirmam que os raizeiros, a exemplo de tantos outros trabalhadores brasileiros, não constituem uma categoria fácil de ser analisada, uma vez que integram o contingente que compõe a economia informal.

Quanto à indagação de “quantos anos faz que vendem plantas medicinais?”, observa-se que 88,4% faz mais de cinco anos que trabalham com plantas medicinais e 11,6% trabalham com plantas há menos de cinco anos. Desta forma, considerando os 43 raizeiros, a média de tempo que comercializam plantas é de 17 anos.

Com relação, ao estado civil dos ervaírios, conclui-se que 65,2% são casados, 16,3% solteiros, 7% são viúvos, 7% se enquadram em “outros” e 4,7% são separados.

Conforme demonstrado na figura 02, a pesquisa revela que os laços de amizade (44,2%) e familiares - avós (9,3%), pai (9,3%), sogra (4,7%) ou mãe 32,6%, - são as maneiras mais usadas para a transmissão dos conhecimentos sobre raízes, uma vez que a transferência deste tipo de conhecimento somente ocorre quando os raizeiros, curandeiros, rezadeiras ou portadores de tais conhecimentos, conhecem ou confiam muito nos aprendizes.



**Figura 2** – Distribuição percentual dos raizeiros de acordo com a origem do conhecimento sobre plantas medicinais.

Indagados sobre qual o motivo que os levou a comercializar plantas medicinais, 72,1% responderam que foi por necessidade, 23,3% disseram que foi por curiosidade e 4,7% responderam que foi pelos dois motivos.

A pesquisa revelou que, 95,3% dos raizeiros que trabalham com plantas medicinais há mais de cinco anos identificam as plantas apenas pela prática; 4,7% dos entrevistados pedem a outras pessoas para identificarem. Apenas 7%, coletam todas as plantas comercializadas por eles. A grande maioria (90,7%), prefere comprar as plantas e apenas

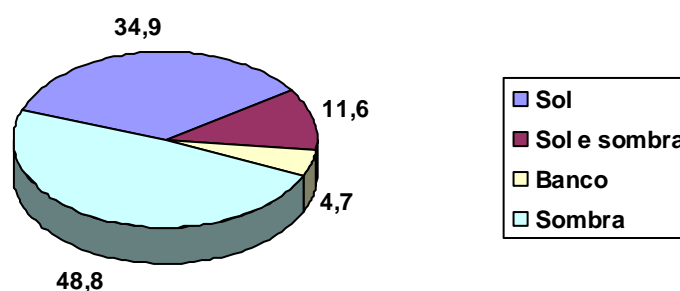
2,3% coletam e compram as plantas comercializadas.

Quanto à forma de armazenamento, os dados demonstram que 72,1% dos raizeiros armazenam as plantas amontoadas umas sobre as outras, enquanto que 27,9% armazenam as plantas isoladamente, em sacos plástico, sacos de papel, caixa de papelão ou lata. No banco onde vendem as plantas, quando encerra o expediente, eles cobrem as raízes, cascas, folhas, frutos e sementes com lona de plástico e amarram. Com este procedimento, as plantas ficam em contato umas com as outras,

favorecendo a interferência e a interação entre os compostos ativos, especialmente os aromáticos que, por serem muito voláteis, submetidos à mudança de temperatura, se perdem ou penetram nas cascas e raízes, podendo modificar os seus efeitos terapêuticos. Portanto, nossa pesquisa demonstrou que o modo de armazenamento é inadequado.

Quanto à forma de secagem, conforme se observa na figura 3, constatou-se que 48,8% dos raizeiros secam as plantas à sombra, 34,9% secam ao sol, 11,6% secam alternadamente ao sol e sombra e 4,7% deixam no próprio banco

onde secam. Os dados revelam que a maioria procede erroneamente na secagem das plantas, uma vez que, dependendo da parte da planta, a secagem deve ser ao sol ou à sombra.



**Figura 3** – Distribuição percentual do modo de secar as plantas para comercialização.

Considerando que a secagem das plantas medicinais tem por objetivo retirar o elevado grau de água contida no vegetal, facilitando desta forma o armazenamento e evitando perdas desnecessárias devido à fermentação, a secagem deve ser iniciada imediatamente após a colheita e no mesmo dia. Neste sentido, destaca Hertwig (1986) que:

*As plantas aromáticas e medicinais não devem ser secadas ao sol, com exceção de algumas raízes e rizomas que podem ser expostas ao sol por algumas horas mas depois passam para a sombra num secador onde completam sua dessecação. Nos demais órgãos vegetais o intenso calor provoca perda de óleos essenciais, endurecimento da camada superficial das células, descoloração. Outro inconveniente é que se tal secagem for a céu aberto, as plantas que secarem superficialmente ou mais profundamente durante o dia, voltam a absorver umidade durante a noite, com sérios riscos de se iniciarem a fermentação.*

A pesquisa revelou que 88,4% dos raizeiros armazenam as plantas por até um ano e 11,6% disseram que armazenam as plantas por mais de um ano.

Simões et al. (1988) afirmam que basta uma simples visita a qualquer ervanário ou raizeiro, nos mercados e feiras para avaliar a dimensão do problema diante da mistura de raízes, cascas, folhas, sementes etc., quase sempre secas. Matos (1989) acrescenta que a escolha correta dos informantes é essencial para obtenção de bons resultados, sendo os melhores informantes, geralmente, as pessoas mais velhas, com mais vivência do problema, seja como “receitadores” ou como “usuários”, isto é, raizeiros, rezadeiras, benzedadeiras, parteiras ou familiares mais idosos.

O procedimento de venda indiscriminada de plantas medicinais, efetuada pelos raizeiros em nossa cidade e em qualquer cidade do Brasil, na forma de ervas, lambedores e garrafadas, sem qualquer fiscalização do órgão competente ou norma que controle este comércio, é algo que merece destaque.

Ao se observar os bancos de vendas de ervas, constata-se que as plantas e os produtos ficam expostos ao sol, à chuva, à poeira, aos poluentes (especialmente de veículos), algumas

apresentam fungos e outras estão inapropriadas para o uso, pelo longo tempo de acondicionamento. Nestas condições, as plantas perdem as suas reais ações terapêuticas, constituindo um perigo, uma vez que os fungos também podem modificar as reais ações terapêuticas dos vegetais ou causar complicações orgânicas aos usuários.

A venda de plantas medicinais cresce a cada dia. A procura de produtos naturais, o baixo custo e a facilidade de se encontrar as plantas para determinadas enfermidades, fazem o comércio de ervas crescer. Em 1992, Silveira e Jordão, constataram que no município de Campina Grande existiam 22 raizeiros e eram comercializadas 69 espécies de plantas medicinais. Em estudo posterior, Lima (1995) constatou que existiam 30 raizeiros e catalogou 100 plantas comercializadas. O presente estudo constatou que existem 43 ervanários e 173 plantas comercializadas, sendo que 54% delas são nativas e as exóticas comercializadas estão todas bem adaptadas ou são facilmente encontradas no comércio.

#### 4 - CONCLUSÃO

Na análise das plantas utilizadas como medicinais conclui-se que:

Em relação, particularmente, ao estudo sobre o perfil dos raizeiros, conclui-se que:

- Os raizeiros desempenham um papel importante na divulgação, transmissão e manutenção do conhecimento popular sobre plantas medicinais;
- O conhecimento popular do sujeito de nossa pesquisa foi adquirido da comunicação interpessoal, notadamente entre pessoas que possuíam relação afetiva com os mesmos;
- No município de Campina Grande houve um incremento no número de raizeiros, que passou de 22, no ano de 1992, para 43 em 2001;

#### 5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERTWIG, I. F. V. *Plantas aromáticas e medicinais*, 1. ed. São Paulo: Ícone Editora Ltda. 1986.

LIMA, J. A. *Plantas medicinais comercializadas em mercados públicos e feiras livres na cidade de Campina Grande* – Pb. Campina Grande: 1995. p. 09-33.

MATOS, F. J. de A. *Farmácias vivas* . 3. ed. Fortaleza: EUFC, 1998.

SILVEIRA, F.; JORDÃO, L. *Das raízes à resistência, repensando a medicina popular*. Campina Grande: UEPB/CENTRAC. 1992. p. 35-42.

SIMÕES, C. M. O.; MENTZ, L. A.; SCHENKEL, E. P.; IRGANG, B. E. STEHMANN, J. E. *Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul*. 2. impressão, ed. Da UFRGE, Porto Alegre: 1988.

---

<sup>1</sup> Mestre em Saúde Coletiva, na área de concentração Saúde e Sociedade, linha de Pesquisa Epidemiologia. Universidade Estadual da Paraíba

<sup>2</sup> Doutor em Biologia – Professor Titular – Universidade Estadual da Paraíba